



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Arthur Alves de Oliveira Silva

Algoritmos de aprendizagem de máquina nas redes sociais: uma leitura psicanalítica

UBERLÂNDIA

2023



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Algoritmos de aprendizagem de máquina nas redes sociais: uma leitura psicanalítica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

UBERLÂNDIA

2023

Arthur Alves de Oliveira Silva

Algoritmos de aprendizagem de máquina nas redes sociais: uma leitura psicanalítica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

Banca Examinadora:

Uberlândia, 19 de junho de 2023

Professor Doutor João Luiz Leitão Paravidini (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Professora Doutora Ana Paula de Ávila Gomide (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Professora Doutora Miriam Tachibana (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Mestre Bruno Castro Ribeiro (Examinador Suplente)
Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA

2023

Agradecimentos

Aos meus pais, Jarbas e Maria Célia, por terem sido um suporte fundamental para que eu pudesse alçar vôos mundo afora, sem nunca pouparem esforços para estarem comigo da maneira que fosse. O estímulo ao estudo e à criação aparecem hoje, neste trabalho.

Aos meus irmãos, Philipe, Cecília e Letícia, que de diversas maneiras me incentivaram na minha vida acadêmica, ora dividindo lares, ora dividindo sonhos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini, por ter me mostrado de forma inspiradora como o trabalho do psicólogo e psicanalista pode (e deve!) estar afinado com a política e com as questões do nosso tempo, também me dando a abertura para que eu pudesse ter uma escrita fluida, pessoal e alinhada ao que acredito.

A todos os autores e autoras que compõem a lista de referências deste trabalho, compartilhando de forma generosa e fértil seus conhecimentos. Perspectivas críticas e propositivas sempre me foram muito caras, e nada teria sido possível sem vocês.

Ao grupo de estudos “Psicanálises possíveis”, coordenado por Rafael Cavalheiro, que foi fundamental para eu construísse a Psicanálise que carrego comigo hoje. Agradeço as noites de discussões, sempre descontraídas e comprometidas com a transformação.

À professora Paula Medeiros, que sempre com muita sensibilidade, carinho e seriedade me ensinou como ser psicólogo, artista e gente. A Brinquedoteca segue sendo o espaço mais potente e verdadeiro em que pude estar na minha trajetória acadêmica. Estendo os agradecimentos a Luiza Sanchez, Lara Coelho, Maíra Lorencini, Laura Alves, Luana Coelho e tantas outras vidas que atravessaram a minha e me fizeram ser quem sou hoje.

Às supervisoras Júnia Rodrigues, Juçara Clemens e Miriam Tachibana, por terem me acolhido generosamente como aprendiz nessa artefaria tão diversa que é o trabalho clínico.

Aos meus colegas e amigos que me acompanharam nessa jornada chamada Graduação, nas horas de alegria e também nas de sofrimento. Foi uma caminhada longa e difícil, mas teria sido muito mais difícil sem o abraço e acolhimento de vocês. Destaco as amizades de longas distâncias, Joyce Lara e Clara Kairós, que resistem ao tempo e à saudade.

Ao Davi Carvalho, por ter sido o amigo mais inusitado que a Psicologia na UFU poderia ter me dado. Tão improvável quanto qualquer coisa, seu companheirismo fez toda a diferença na minha vida, tornando a caminhada acadêmica menos solitária e mais verdejante.

Ao meu amado companheiro de vida, Matheus Alves, por ter dividido as dores e delícias de amar, de conhecer e de ensinar, por tanto tempo, e de forma tão honesta e genuína. De tantas e tantas maneiras possíveis, seguimos juntos.

“Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas.

Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.”

Clarice Lispector, “A Hora da Estrela”

Resumo

A Psicanálise passou por diversas transformações dentro da obra freudiana. Sigmund Freud reconhecia que sua teoria era passível de transformação de acordo com os fenômenos clínicos que surgiam e com as transformações sociais e políticas de seu tempo. Entendendo que essa mutabilidade faz parte da história da Psicanálise como um todo, esta pesquisa buscou investigar aspectos contemporâneos que não foram contemplados nas produções clássicas da Psicanálise, em especial, os fenômenos das redes sociais. Foram retomadas obras que pensam o sujeito na contemporaneidade, considerando que é na prevalência dos registros do corpo, da ação e da intensidade que o mal-estar se faz patente na atualidade, e não tão somente na forma conflitual clássica de Freud. Parte-se de uma compreensão contemporânea da constituição subjetiva que tem o Mercado como grande Outro que oferece mercadologicamente diversos conteúdos, na qual o sujeito se depara com inúmeras contradições e inconsistências, provocando uma confusão entre demanda e desejo. Interrogou-se sobre como este sujeito da cultura digital se relaciona com os algoritmos de Aprendizagem de Máquina (A.M.) presentes nos diversos *apps* digitais, considerando que as inteligências artificiais personalizam os conteúdos oferecidos nos *feeds*, paralisando o sujeito. Dessa forma, foi possível traçar algumas compreensões sobre a alienação, a angústia, a inibição e o desejo do sujeito contemporâneo diante da cultura digital, reconhecendo suas especificidades em comparação com a época de Sigmund Freud.

Palavras-chave: Psicanálise; Contemporaneidade; Cultura digital; Redes sociais; Aprendizagem de Máquina.

Abstract

Psychoanalysis had a lot of transformations along the Freudian work. Sigmund Freud recognized that his theory was able to be transformed according to the clinical phenomena that emerged and to the social and political transformations of its time. By the comprehension that that mutation is part of the history of Psychoanalysis as a whole, this research sought to investigate contemporary aspects that weren't contemplated in the classical productions, in particular, the social media. Research works that elaborate the subject in contemporaneity were retaken, considering that it's in the prevalence of the body, action and intensity that the discontent makes its presence nowadays, not only in the classical conflictual form theorized by Freud. On the assumption of the subjective constitution that has the Market as the big Other that offers a lot of content, the subject comes across countless contradictions and inconsistencies, causing a confusion between demand and desire. We interrogated about how that subject of the digital culture relates to the Machine Learning (M.L.) algorithms present in the diversity of digital apps, considering that the artificial intelligences personalizes the content offered in the feed, paralyzing the subject. Thus, it was possible to write some insights about alienation, anguish, inhibition and desire of the contemporary subject in face of digital culture, recognizing its specificities in comparison to Sigmund Freud's time.

Key-words: Psychoanalysis; Contemporaneity; Digital culture; Social media; Machine learning.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Um constante recalculando de rotas	10
1.2 Um tempo de mídias digitais	13
1.3 Da ficção científica à realidade	15
2. PSICANÁLISE E CONTEMPORANEIDADE	19
2.1 Contemporaneidade: uma difícil definição	20
2.2 Espaço, dor e desalento na atualidade	22
2.3 Qual o Outro que trabalhamos?	28
3. POSSIBILIDADES DE LEITURA	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
5. REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho surge de uma inquietação. Ao longo de toda a minha graduação em Psicologia, pude acessar perspectivas críticas acerca de várias temáticas dentro das disciplinas do curso, generosamente oferecidas ora por docentes, ora por colegas. Essa criticidade me acompanhou durante toda a minha formação, possibilitando que eu reconhecesse de forma criteriosa os limites e potencialidades daquilo que me era ofertado enquanto conteúdo formativo para me tornar um futuro psicólogo. Deparei-me com discussões efervescentes e necessárias de temáticas sociais sensíveis, como questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade, classe social, machismo, colonialidade, transfeminismo, pessoas com deficiência, gordofobia, territorialidade, dentre tantas outras. Afinal, como bem lembra o Código de Ética da Psicologia, em seus Princípios Fundamentais: “III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural” (Conselho Federal de Psicologia, 2005, p. 7).

Sinto que esses contínuos questionamentos foram fundamentais para que eu pudesse me tornar esse psicólogo “inquieto”. Quando começo este trabalho dizendo que ele surge de uma inquietação, esta se refere a essa criticidade, em especial, diante da formação em Psicanálise. Desde os primeiros contatos com esta área da Psicologia, não pude deixar de me inquietar com alguns assuntos, conceitos e perspectivas que me soavam, naquele momento, incompreensíveis. Considerando o surgimento da Psicanálise se dando num contexto burguês, europeu e do século XIX e XX, suas obras principais eram trabalhadas dentro desse cenário, resultando muitas vezes em leituras patriarcais, familistas e conservadoras, mesmo que tenham sido revolucionárias e subversivas em muitos aspectos. Essa impressão de contradição entre a normatividade e subversão é um sentimento que atravessa as leituras críticas da Psicanálise atualmente, em diversas temáticas psicanalíticas. No entanto, é curioso observar como, numa leitura mais minuciosa, Sigmund Freud, então pai da Psicanálise, esteve atento a esse aspecto de que sua

obra era ainda incipiente e incapaz de responder a todos os problemas e questões clínicas, sendo necessário que futuros psicanalistas estivessem afinados com o seu tempo e cultura, como veremos a seguir.

1.1 Um constante recalculador de rotas

Em uma definição básica e introdutória, a Psicanálise comporta uma definição tripla, cujas partes não se isolam entre si: trata-se de uma forma de investigação dos processos psíquicos inconscientes, um tratamento de distúrbios psíquicos e uma teorização psicológica (Freud, 1922/1976). Dessa forma, o saber psicanalítico consegue, num mesmo processo, constituir uma metodologia investigativa do psiquismo, promover uma terapêutica de enfermidades mentais e, nesse ínterim, constituir-se enquanto um saber único e específico, não visto até então na história da Psicologia. Sigmund Freud, o fundador da Psicanálise, reconhecia o pioneirismo de suas produções e estudos, sendo sabido pela comunidade psicanalítica que sua obra foi caracterizada por uma intensa transformação e reformulação sempre que se identificava que os fenômenos estudados demandavam ampliações e outros conceitos fundamentais em seu escopo. Os conceitos psicanalíticos, mesmo que sendo entendidos num primeiro momento com um “caráter de convenção” (Freud, 1915/2020, p. 15), não eram formulados de modo arbitrário, mas sim por uma relação com o material empírico que o autor acessava pelos casos que atendia.

Esse caráter de forte reflexão e reformulação de sua teoria e prática pode ser refletido em toda a sua obra. Consideremos um primeiro momento, em que Freud começa utilizando em sua prática a hipnose e, posteriormente, o método catártico. A hipnose possuía uma finalidade sugestiva, ou seja, buscava-se influenciar alguém a alterar seu comportamento e respostas através de um estado mental hipnótico entre o sono e a vigília, em que o médico ordenava que o sintoma desaparecesse (Paim & Ibertis, 2006). Mesmo que em certa medida houvesse um

alívio dos sintomas histéricos (paradigmáticos daquele tempo) através desse método de tratamento, as representações traumáticas que os ocasionavam não desapareciam do inconsciente, continuando ativas, “inacessadas” e, conseqüentemente, com possibilidade de recidivas. Essa hipnose, orientada inicialmente por Jean-Martin Charcot e baseada na ordenação, era entendida como insuficiente para Freud, que em seu estilo próprio preferia também investigar as pacientes durante o transe hipnótico, convidando-as a falar sobre as suas vivências. Essa ação já era entendida previamente como o método catártico, que incentivava os pacientes a se recordarem dos primeiros momentos e contextos em que o sintoma foi produzido pela primeira vez. Freud percebeu que “toda vez que essa recordação era trazida para a consciência normal, o sintoma ao qual a recordação estava ligada diminuía muito a sua intensidade e até desaparecia” (Paim & Ibertis, 2006, p. 143). Vemos aqui a primeira identificação de uma limitação de tratamento na hipnose, de forma que Freud procura uma alternativa de tratamento, agora pelo método catártico. Mesmo assim, também foi reconhecido de que não era suficiente apenas uma rememoração dos acontecimentos traumáticos, mas também uma elaboração consciente sobre as representações que estavam operando em seu inconsciente:

“Trazer à consciência a representação traumática passa a ser o novo alvo da terapêutica de Freud. Já não basta mais ter acesso direto a essas representações, como no método catártico, e se obter um alívio relativo do sintoma. É preciso que o paciente compreenda a vivência traumatizante e possa digeri-la, utilizando-se do julgamento consciente, da reflexão, da condenação ou aceitação e do controle consciente sobre a experiência antes inacessível.” (Paim & Ibertis, 2006, p. 151)

Vislumbramos aqui a história de uma clínica que culminará no nascimento da Psicanálise propriamente dita. Dessa maneira, é possível reconhecer aqui que, no âmbito do tratamento, Freud não hesitou em repensar aquilo que estava sendo trabalhado, estando aberto

a reformulações a partir do material empírico e clínico que surgia, sendo que ainda viriam muitas outras transformações no campo prático e teórico. Como muito bem apontado por Moraes e Macedo, “o desenvolvimento teórico da Psicanálise segue uma trajetória sinuosa; entre idas e retornos, observam-se avanços e reordenamentos, mas não é permitido engessar o pensamento” (2011, p. 12). O pensamento psicanalítico requer que suas pesquisas sejam movidas por interrogações, repensando continuamente a respeito das construções teóricas.

Mesmo criando algo relativamente do zero, Freud tinha consciência de que “o progresso do conhecimento, entretanto, não tolera nenhuma rigidez nas definições” (Freud, 1915/2020, p.17). Ou seja, uma abertura para rever o que foi produzido até então e estar aberto para questionar sua efetividade em responder às questões clínicas eram aspectos bem-vindos para o autor. Tendo isso dito, a compreensão da Psicanálise, assim como de toda e qualquer teoria, requer uma atenta e cuidadosa análise também do contexto em que ela se funda. Toda a fundamentação freudiana se concretiza numa localização geográfica específica (Viena, Europa), num horizonte histórico particular (século XIX e XX, incluindo período de Guerras Mundiais), com marcadores sociais de gênero, raça e classe que também atravessam sua obra, de forma contínua ou intermitente. É necessário ter isso em mente para compreender que a obra freudiana responde a determinadas questões psíquicas que surgiam nos consultórios daquele período histórico-cultural, em todas as suas especificidades.

Isso não significa que a Psicanálise seja incapaz de dar conta de outros temas e marcadores sociais, como diversidade de gênero e sexualidade, questões étnico-raciais, públicos de baixa renda, dentro da rede pública de saúde mental ou em cenários de emergências e desastres, por exemplo. Como dito pelo próprio Freud, “estamos sempre dispostos, tanto antes quanto agora, a admitir a incompletude do nosso conhecimento, a aprender coisas novas e mudar em nosso procedimento aquilo que pode ser substituído por algo melhor” (Freud, 1919/2020, p. 191). Tendo isso dito, a principal motivação pessoal para a pesquisa deste

trabalho é justamente advinda do questionamento crítico daquilo que, dentro da Psicanálise, dá conta ou não de responder aos fenômenos contemporâneos¹. Cabe reconhecer de forma honesta que a obra freudiana, por si só e tomada de forma acrítica, é insuficiente para apreender os fenômenos psíquicos do século XXI, porque as configurações simbólicas que regem o mundo atual são distintas em diversos aspectos da época de Freud (Rocha, Paravidini & Silva Júnior, 2014). Além disso, essas inquietações a que me refiro fazem parte da história da Psicanálise em toda a sua dialética, pois “fazer trabalhar o legado é fazer trabalhar o recebido, mas é também exercer a autonomia de criar recursos que permitam uma ampla compreensão das manifestações de padecimentos psíquicos na clínica psicanalítica contemporânea” (Moraes & Macedo, 2011, p. 16).

1.2 Um tempo de mídias digitais

Podemos compreender que as limitações supracitadas da Psicanálise são oriundas da própria gênese desse saber. Ou seja, as problemáticas de “temáticas sociais sensíveis”, como nomeei anteriormente, sempre estiveram presentes no mundo, mas não eram objeto de análise e crítica que abarcassem essas minorias sociais - afinal, sempre houve pessoas negras no mundo, por exemplo, mas a produção inicial freudiana não trabalhou suas especificidades. Entendo que há esse tipo de limitação genealógica, mas para este trabalho considerarei como escopo aquilo que é uma limitação de outra ordem: as transformações sociais, culturais e relacionais dentro da contemporaneidade.

É inegável que vivemos num mundo que não se assemelha mais ao da época de Freud, em diversos sentidos. Um dos principais elementos que hoje regem a nossa vida cotidiana é a

¹ Com a expressão “fenômenos contemporâneos”, buscou-se contemplar tanto os aspectos macrossociais, como as mudanças políticas e sociais da transição da modernidade para a contemporaneidade, quanto os fenômenos clínicos que aparecem nos consultórios de hoje, que se distinguem da época freudiana, como os “novos sintomas” (Lustoza, Cardoso & Calazans, 2014).

presença das mídias digitais e de seus *gadgets*. A cultura digital é tão onipresente que impõe um ritmo de vida social no qual parece impossível conceber uma existência em que a digitalização não se presentifique (Nobre, 2020). Não há uma definição consensual do que seria cultura digital, sendo um fenômeno observado principalmente a partir do período do pós-guerra, em que houve investimentos intensos em pesquisas que desenvolvessem tecnologias de linguagem informacional, de forma a evoluir aparatos tecnológicos. É interessante também observar como a pandemia da Covid-19 fez com que repensássemos toda a nossa relação com as mídias digitais, visto que foi através da digitalização que pudemos dar conta da manutenção das diversas instâncias da nossa vida social – trabalho, amizade, dentre outros. Apesar de ser um tema importante para ser delineado nesta discussão, o contexto pandêmico não será trabalhado nesta pesquisa.

O uso terminológico de “cultura digital” aqui se justifica na mesma medida que utilizado por Nobre (2020), pois se trata de uma expressão que também contempla grupos sociais que não estão inseridos diretamente na linguagem computacional e de aparelhos *smartphones*. Mesmo não “incluídos” nessa lógica capitalista, pessoas pobres e de pouco letramento para as redes de internet (os chamados “analfabetos digitais”) também estão imersos nesse mundo, em que há um grande fluxo de informações rápidas (e, às vezes, pouco confiáveis), uma redução dos limites geográficos e uma pretensa facilidade de fazer ações cotidianas, como usar um cartão de crédito num banco digital. Podemos dizer que o desenvolvimento da cultura digital inundou a nossa vida de forma implacável, pois “quaisquer ações corriqueiras estão dependentes ou são oriundas do processo de digitalização” (Nobre, 2020, p. 34).

Uma inquietação que surge durante a minha formação é exatamente a respeito do que isso implica em termos de subjetivação. Trata-se de um ponto importante para pensar como a Psicanálise pode responder a alguns fenômenos contemporâneos no que concerne à cultura digital, visto que esses elementos aparecem na cena clínica..

“Para o campo da psicanálise, trata-se no mínimo de delinear os novos matizes com os quais se comunica, faz laço, pensa e faz afetos o sujeito que adentra nosso *setting* clínico, e que, ao mesmo tempo, ‘circula’ pelas ruas e pelas plataformas digitais.” (Nobre, 2020, p. 17)

Para este trabalho, pretendo trabalhar especificamente um fenômeno de completa imersão nas redes sociais, como Twitter, TikTok, Instagram e YouTube, oriundo dos processos de Aprendizagem de Máquina (AM) dentro da programação desses *softwares*. A tecnologia de AM funciona através de um sistema de programação de inteligência artificial que visa, através da extração de conhecimento a partir de dados, uma personalização de conteúdo em redes sociais. Dessa forma, trabalharei como objeto de estudo esse processo no qual o usuário acaba passando horas e horas vidrado naquele único movimento de deslizar a tela em busca de conteúdos que são retroalimentados por ele próprio, mesmo que muitas vezes de forma pouco criativa e autoral.

1.3 Da ficção científica à realidade

A temática do uso de dados nas tecnologias e ciências articuladas ao comportamento humano não é algo necessariamente do século XXI. A título de ilustração, irei utilizar brevemente uma obra ficcional para exemplificar o cenário que pretendo delinear. Em 1951, Isaac Asimov, grande autor de publicação do gênero ficção científica, publicava o primeiro livro da trilogia “Fundação”. O enredo da obra em questão narra a história de um instituto fundado pelo psico-historiador Hari Seldon para preservar a civilização (ou, no mínimo, conter danos), naquele momento intergaláctica, após o colapso do então grandioso Império Galáctico.

Para além da trama em si, essa obra de Asimov chama a atenção para este trabalho a partir justamente da constituição daquilo que Hari Seldon chamou de “psicohistória”. Esta seria

uma nova ciência, constituída como um “ramo da matemática em relação às reações de grandes aglomerados humanos a estímulos econômicos e sociais” (Asimov, 1951/1975, p. 5). Misturando Psicologia, História e Matemática, o pioneiro da área parte da suposição de que os seres humano produziram até então um contingente suficientemente grande de eventos, ideias, acontecimentos históricos e transformações, a ponto de possibilitar um espaço amostral satisfatório para fornecer um tratamento estatístico válido para esses dados - afinal de contas, no contexto de Fundação já se passaram mais de 24 mil anos depois de Cristo, sendo possível ter uma amostra de dados sobre a humanidade bastante ampla e significativa. Dessa forma, a psichistória seria capaz de descrever, através de cálculos matemáticos estatísticos, os desenlaces de processos históricos em longuíssimo prazo. Mesmo o próprio Seldon afirmando que “a psichistória é uma ciência estatística, e que não pode prever com segurança um futuro individual” (Asimov, 1951/1975, p. 5), no sentido de que não é possível antecipar o destino de um único sujeito, mas apenas da História na totalidade, a trama de Fundação é envolvente e instigante no que é proposto pelo autor. Isaac Asimov é ousado em sua criatividade ao produzir, ficcionalmente, uma área de conhecimento que é uma interseção entre a estatística matemática, a psicologia de massas e a história enquanto parte das ciências sociais, provocando narcisicamente o leitor a pensar em como o futuro da humanidade pode ser passível de cálculo e previsão.

O que nos interessa observar a partir desse romance de ficção científica é que um psichistoriador seria capaz de apontar alguma porcentagem de probabilidade de um evento acontecer num nível macro, mas somente é capaz de fazer isso a partir da análise de uma grande quantidade de dados, a partir de registros históricos do passado. Em outras palavras, essa área de conhecimento deteria a capacidade de “prever o futuro”, não mais de forma mística ou fantasiosa como temos a impressão no nosso tempo, mas através da ciência de dados e da

estatística matemática. O que é que teríamos, hoje, no século XXI, minimamente próximo à psichistória?

As tecnologias atuais têm utilizado cada vez mais as Inteligências Artificiais (IAs), um ramo da ciência/engenharia da computação que investiga e produz sistemas que simulam a inteligência humana (ou muitas vezes a supera), em aspectos como compreensão da linguagem, aprendizagem, raciocínio lógico, resolução de problemas e tomadas de decisão, visando oferecer soluções para diversas questões. Na época da escrita de Fundação, Isaac Asimov não possuía um computador como nós, de forma que ele pudesse vislumbrar essa análise por meio de um aparelho, e não de um ser humano psichistoriador. No entanto, observamos hoje que as máquinas não só substituem o ser humano em trabalhos manuais e operacionais, como na linha de produção de fábricas, mas também tarefas racionais que demandam uso de inteligência. Algumas das técnicas de inteligência artificial de hoje tiveram seus primeiros ensaios já elaborados de forma incipiente a partir da metade do século XX. No entanto, não puderam ser desenvolvidas. Por que isso? De acordo com Ludermir:

“As técnicas de IA que fazem sucesso hoje precisam de muito poder computacional e de muitos exemplos (dados), que não estavam disponíveis até pouco tempo. Agora com as GPU (Graphic Processing Unit), maior poder computacional e muitos dados, as técnicas de IA conseguem resolver problemas cada vez mais complexos.” (Ludermir, 2021, p. 87)

Assim como hoje não conseguiríamos estruturar a psichistória devido à baixa quantidade de dados históricos humanos disponíveis, na década de 50 ainda não era possível constituir um maquinário de inteligência artificial que conseguisse produzir, analisar e indicar respostas a problemas complexos, devido à ausência de dados suficientemente amplos e significativos. Mas já temos diversos avanços no século XXI: dentro das IAs, existe o Aprendizado de Máquina (AM), ou *machine learning*. De acordo com Almeida et al. (2021),

“é um campo de estudo e de desenvolvimento de tecnologias na intersecção da estatística, inteligência artificial e ciência da computação, que funciona basicamente como mecanismo para extração de conhecimento a partir de dados” (p. 11). O nome advém justamente da premissa de que, através de dados, um *software* consegue “aprender”, aprimorando seu desempenho a partir da experiência. A aprendizagem pode ser do tipo Supervisionada, Não-Supervisionada ou por Reforço (Almeida et al, 2021), cada um articulando uma pré-programação básica que é retroalimentada e otimizada conforme as respostas do ambiente/usuário. Independentemente da forma, quanto maior a quantidade de dados oferecidos pelo usuário do programa, mais eficiente é o seu funcionamento.

Vejamos, por exemplo, o sistema de aprendizado de máquina do Spotify, aplicativo de músicas e *podcasts* em que o usuário recebe com frequência indicações de novos itens para consumir. A cada resposta dada pelo ouvinte acerca dele ter gostado ou não do conteúdo indicado, o programa registra esse *feedback* para otimizar futuras indicações. Isso só é possível através do cruzamento de uma série gigantesca de dados, como os gostos declarados do próprio usuário, pessoas que ouvem coisas semelhantes, mas não idênticas, análise de textos da internet, além da própria estrutura “crua” das músicas ouvidas pelo usuário, como ritmo, gênero, instrumental e afins. Considerando que o Spotify possui mais de 140 milhões de ouvintes, a quantidade de dados é expressiva o suficiente para que o aprendizado de máquina seja efetuado de forma eficiente e o sujeito possa usufruir das indicações sem muito esforço de procura, elemento que será importantíssimo na análise psicanalítica desse fenômeno.

Retornando ao tema da Fundação, em articulação com a contemporaneidade, lembro que quando li pela primeira vez a obra de Asimov tive um misto de deslumbramento e de assombração. Parte de mim ficou narcisicamente ferida diante daquela trama, mesmo que ficcional, em que o destino da humanidade como um todo já estava traçado, previsto, através de dados concretos de grande amplitude; outra parte, ficou encantada com o brilhantismo por

trás desse mecanismo de pensamento, tão refinado para ter sido escrito na década de 40 e 50. No entanto, refletindo com maior criticidade, penso que já nos deparamos com essa forma de análise de dados que produz uma subjetividade marcada por uma mídia digital que prevê coisas, indica destinos e modela desejos. Aplicativos que possuem algoritmos de aprendizagem de máquina², como *TikTok*, *Spotify*, *YouTube*, *Instagram* e *Twitter*, conseguem facilmente ler nossos interesses mediante um cruzamento de dados que, num primeiro momento, é encabeçado e direcionado por nós, mas que em pouco tempo a própria máquina já toma as rédeas e direciona uma infinidade de conteúdos e materiais em que ficamos rapidamente soterrados e imobilizados na lógica do consumo.

Essa contextualização, inicialmente pautada pela obra de Isaac Asimov, serve como mote para essa pesquisa: o que se constitui a partir dessa forma de alienação, em que a lógica dos algoritmos oferece esse estado de aparente satisfação contínua, na qual o sujeito já não precisa mais buscar nem nomear suas próprias vontades e anseios, pois ele já encontra ali com tanta facilidade dadas de antemão? Qual o funcionamento subjetivo afetado nesse ato de se tornar passivo e inibido em relação àquilo que é oferecido, refém de uma demanda orientada por uma máquina? E, por fim, como podemos pensar esse sujeito que vai às redes gozar na sua anestesia, passando horas e horas consumindo um conteúdo personalizado, ausentando-se do laço social?

2. PSICANÁLISE E CONTEMPORANEIDADE

Pensar as transformações da Psicanálise desde a época de Freud é um movimento importante feito por diversos autores, em diferentes âmbitos. Alguns artigos embasaram essa reflexão durante o meu percurso acadêmico para pensar a contemporaneidade, fazendo

² Algoritmos são um conjunto de instruções e regras aplicado através de um computador, visando alguma tarefa. Quando falamos de algoritmos de aprendizagem de máquina, nos referimos a um mecanismo que busca extração de conhecimento a partir de dados, ou seja, que aprimora seu desempenho em determinada atividade a partir da experiência. Para maiores detalhes, conferir a cartilha de Almeida et al (2021).

discussões contextualizadas acerca da transferência (Cunha & Birman, 2019; Roussillon & Berliner, 2014), queda dos referenciais simbólicos (Dufour, 2005; Kallas, 2016; Pacheco & Fuks, 2020; Prata, 2012; Triska, 2020), novos sintomas da contemporaneidade (Lustoza, Cardoso & Calazans, 2014), o estatuto do desejo (Rocha, Paravidini & Silva Júnior, 2014), passagem ao ato e acting-out (Brunhari & Darriba, 2014; Capanema & Vorcaro, 2012; Jucá & Vorcaro, 2020; Macedo, 2019), construções teóricas sobre trauma e excesso (Birman, 2013/2022; Kegler & Macedo, 2016; Moraes & Macedo, 2011) e também, recentemente, sobre mídias digitais propriamente ditas (Demaria, 2022; Nobre, 2020). Dada a complexidade das leituras, em suas múltiplas possibilidades de aprofundamentos, tratarei de conduzir esse capítulo orientando-me inicialmente pela definição do que seria a contemporaneidade, em seguida fazendo apontamentos das transformações sociais e políticas que influenciam na nossa constituição subjetiva atual.

2.1 Contemporaneidade: uma difícil definição

Compreender a contemporaneidade não é uma tarefa fácil. Há diversas possibilidades de nomenclaturas além de “contemporaneidade”, como pós-modernidade, modernidade avançada ou hipermodernidade (Birman, 2013/2022), dependendo da orientação epistêmica. A primeira opção possibilita pensar a atualidade como um contraponto da modernidade, como algo que foi ultrapassado e reconfigurado, caracterizando uma ruptura, não necessariamente negativa. Alguns outros teóricos preferem pensar os tempos hodiernos como uma radicalização das ideologias modernas e de seus pressupostos, quase como uma modernidade tardia, considerando que a modernidade ainda permanece operando nos processos subjetivos, por isso a escolha do termo “modernidade avançada” e também “hipermodernidade”.

Para este trabalho, seguiremos utilizando o termo contemporaneidade, considerando que houve uma progressiva transformação das formas de subjetivação que alteram os entendimentos psíquicos que foram construídos na Idade Moderna. De acordo com J.-F. Lyotard, entende-se a atualidade como uma época marcadamente montada em cima de um esgotamento e apagamento daquelas que eram as grandes narrativas modernas de legitimação, como a religião e a política (Dufour, 2005). Em outras palavras, há uma queda e uma falência das autoridades simbólicas, alterando as compreensões que temos dos processos subjetivos pautados, por exemplo, na referência simbólica do Pai (Kallas, 2016; Lustoza, Cardoso & Calazans, 2014), visto que as figuras tanto de proteção e interdição se mostram em queda vertiginosa. Isso não quer dizer que devemos pensar sempre em termos de déficit (Triska, 2020), como se esse saudosismo das figuras paternas fosse o nosso mote central de análise da contemporaneidade. Muito pelo contrário, “é preciso uma reformulação da racionalidade diagnóstica que cerca a leitura do mal-estar brasileiro para além do pai como articulador central dos dispositivos de autoridade” (Dunker, 2015, como citado por Triska, 2020, p. 7), considerando uma mudança qualitativa dos fenômenos, e não meramente quantitativa de “antes havia um Pai; agora, ele falta”.

A identificação de fatores como a ascensão da ideologia neoliberal individualista, a queda de referenciais como a família, a evitação do conflito e a desafetação progressivas em relação à pólis, a massificação das formas de vida, o império do mercado de consumo e primazia do dinheiro em detrimento das formas de vida humanas, a imediatez característica do nosso tempo, a privatização do público e a publicização do privado (Dufour, 2005) - tudo isso escancara as transformações do nosso tempo, de forma a servir como argumento para pensar que a modernidade se esgotou em certa medida, atuando seus imperativos de forma bem menos categórica hoje do que nas suas fundações. Birman (1999/2007), baseando-se em Christopher Lasch e Guy Debord, compreende a contemporaneidade como uma exaltação e vanglória da

individualidade, refletida sociologicamente como uma cultura do narcisismo e uma sociedade do espetáculo. Em outras palavras,

“A sociedade pós-moderna é caracterizada por fragmentação, falta de unificação e simbolização, que deixaram as pessoas entregues às suas próprias intensidades, sem controle, entregues a excessos de excitações corpóreas sem encontrar mediadores simbólicos que delas deem conta, excitações que as ultrapassam e são descarregadas no corpo ou na ação” (Kallas, 2016, p. 58)

Na constituição do sujeito, isso não passa despercebido: “a condição subjetiva sofre a variação histórica” (Dufour, 2005, p. 35). Há uma mutação acontecendo diante de nossos olhos, não apenas como hipótese teórica das ciências sociais e da filosofia, mas acontecimentos diversos que escancaram as transformações subjetivas, como “domínio do mercado, dificuldades de subjetivação e socialização, toxicomania, multiplicação das passagens ao ato, aparecimento do que se chama, corretamente ou não, ‘os novos sintomas’, explosão da delinquência em porções não negligenciáveis da população jovem” (p. 23), dentre outros elementos que indicam que as novas e atualizadas dinâmicas culturais estão operando nas formações subjetivas. Sendo assim, utilizo toda essa argumentação para indicar que esses elementos se relacionam diretamente às minhas inquietações acerca de um aprendizado acadêmico que nem sempre estava atento às transformações sócio-culturais, pautando-se no ensino de uma Psicanálise moderna e desarticulada desses fenômenos atuais, respondendo de forma parcial às demandas de hoje.

2.2 Espaço, dor e desalento na atualidade

Um dos principais referenciais teóricos que inspirou este trabalho foi a obra “O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade”, escrito por Joel Birman

(2013/2022). O autor busca defender alguns pontos importantes para pensar a transição da modernidade para a contemporaneidade, sendo o principal a primazia da espacialidade em detrimento da temporalidade. Esse destaque ao espaço reflete-se em outros “pares”, como sonho/percepção, dor/sofrimento, ação/intensidade, pensamento/imaginação e desamparo/desalento (ou desolamento). Não será escopo deste trabalho explorar cada uma dessas dualidades, sendo registradas aqui para mostrar como tal pensamento dialético, refletindo sempre sobre o que aparecia enquanto fenômeno antes em comparação com o agora, me foi muito importante devido à sua didática e transparência. Clinicamente, Birman procura identificar a prevalência de outro registro do mal-estar, que na modernidade era pautado na conflitualidade psíquica, mas que agora se dá no corpo, na ação e nas intensidades:

“No lugar das antigas modalidades de sofrimentos centrados no *conflito* psíquico, nos quais se opunham os imperativos das pulsões e os das interdições morais, o mal-estar se evidencia agora como dor, inscrevendo-se nos registros do *corpo*, da *ação*, e das *intensidades*” (Birman, 2013/2022, p. 65, grifos do autor)

Antes de dissertar sobre esses registros, cabe aqui incluir uma distinção fundamental para pensar a clínica na contemporaneidade: a diferença entre a *dor* e o *sofrimento*. Para isso, é necessário nos voltarmos para um dos alicerces fundamentais da Psicanálise, o sonho. A experiência do sonhar subverte a ordem da percepção ao passo que transforma o impressionismo e a boa forma em surrealismo e elementos fantásticos. Em outras palavras, o sonho se mostra como possibilidade de criação de novos mundos possíveis. No entanto, sempre que sonhamos e depois tentamos contar sobre o que nos aconteceu no mundo do sono, não falamos exatamente do que ocorreu no sonho, pois qualquer evocação deste inscreveria as imagens e instantes numa sequência e ordenação lógica que não existem no surrealismo da experiência onírica. Essa recordação do sonho sempre o “recorta” em alguma medida. Ao mesmo tempo, é justamente a temporalidade desta evocação a alguém que permite que haja

uma *narração*, que é o que possibilita a subjetivação - ou seja, ao contarmos o nosso sonho, é possível que haja uma apropriação do que aconteceu. Nas palavras de Birman, “não existiria subjetivação possível do sonho sem a incidência da dimensão temporal” (2013/2022, p. 16), que se manifesta na verbalização do sonhado. O conteúdo onírico passa por processos de condensação e deslocamento (Freud, 1900/1976), processos inconscientes que possibilitam que o sonho se configure como a realização de um desejo. O que aconteceria com o eu se essas transformações não fossem feitas? Basicamente, o sonho se torna um pesadelo, sendo intolerável e angustiante em toda a sua crueza. Essa descarga direta é da ordem do traumático, provocando a compulsão à repetição, numa tentativa quase sempre capenga de elaboração psíquica. Nesses casos, a temporalidade também capenga, de forma que “se no pesadelo a realização do desejo se impõe de forma direta e brutal, pela composição de imagens pontuais e fulgurantes, isso indica como é a categoria de tempo que se suspende em face da do espaço” (Birman, 2013/2022, p. 21). Vemos aqui como as categorias de tempo e espaço são fundamentais para a leitura do psiquismo, sendo o espaço aquilo que é pontual, sem uma sequência, sem um encadeamento, logo, traumático (Moraes & Macedo, 2011).

Mas o que de tão importante acontece no processo de sonhar, algo aparentemente tão trivial, e ao contar isso para uma outra pessoa? Quando não há a experiência de evocação do sonho, o sujeito não se apropria das imagens do que sonhou. Isso significa que ele não passa de uma posição de passividade e de exterioridade (característica de quem sonha) para uma de atividade e interioridade, que resultaria nesta apropriação psíquica. Além disso, é possível compreender como a narrativa de um sonho é sempre a narrativa *para um outro*. Eu sonho, endereço essa narrativa, temporalizo esse sonho em uma certa ordem e, assim, eu me aproprio desses conteúdos. É aqui que é possível haver um discurso pelo sujeito, pois “pela narração do que lhe ocorreu, a categoria de tempo se impõe agora, necessariamente, pela incidência efetiva do discurso” (Birman, 2013/2022, p. 17). Não existe discurso sem tempo.

O que acontece quando perdemos essa riqueza da temporalização? O resultado é uma vivência que se reduz à espacialidade, ou seja, um mero registro de apresentação/apresentação, e não mais de representação (Birman, 2013/2022). É importante ter isso à luz da contemporaneidade, visto que a ciência historicamente passa a compreender a experiência do sonhar não mais como um texto a ser lido, compreendido e dissecado, mas como um antitexto, sem qualquer significado, sendo, portanto, alvo e objeto de medicalização no Ocidente. Com efeito, há um esvaziamento da dimensão temporal - não se fala mais do sonho, afinal, este “perdeu o sentido”, por assim dizer. O sonho perdeu sua base simbólica da linguagem; na contemporaneidade, o sonho agora se reduz apenas ao registro da imagem, ou seja, da espacialização. Quando pensamos o fenômeno da imersão nas redes sociais, é interessante a possibilidade de compreender que esse deslizar das telas não é temporalizado - o sujeito consome apenas momentos pontuais, desarticulados entre si, em pura espacialidade, sem elementos concatenados entre si.

Tendo em vista esse preâmbulo sobre a questão do sonho, do tempo e do espaço, podemos voltar à distinção entre dor e sofrimento. A dor é uma experiência fechada, ensimesmada, em que não há espaço para um outro e para um registro da alteridade. É uma experiência solipsista (Birman, 2013/2022). O que assistimos naquele que sente dor é a um murmúrio, um lamento, uma passividade, ao mesmo tempo gerando, paradoxalmente, formas de irritabilidade, compulsão e violência direcionadas ao mundo. Ao invés de uma narrativa que permita concatenar elementos internos (e, conseqüentemente, uma apropriação psíquica desses elementos tão crus), assistimos a explosões de descarga daquilo que causa dor. O ressentimento e as feridas narcísicas não são abertas ao outro, e, portanto, não há a quem fazer um apelo, devido a marca da ideologia neoliberal em que “fica feio” pedir ajuda. Considerando que na contemporaneidade há uma prevalência da espacialidade, a dor é ícone das formas de padecimento contemporâneo, visto que não é temporalizada, assim como o pesadelo não o é.

Por outro lado, o sofrimento é uma experiência eminentemente alteritária: assim como o sonho para a subjetivação, sofrer requer um outro para se fazer um apelo. O sofrimento, para ser denominado como tal, requer narrativização. Trata-se de algo eminentemente temporal e simbólico. O sofrimento implica desamparo, um elemento constitutivo de nós como seres humanos, pois é ele que permite haver uma demanda ao outro, produzindo um laço social. Já na experiência de dor, Birman diz que o sujeito fica entregue não ao desamparo, mas ao *desolamento* (Birman, 2013/2022), trazendo as marcas do individualismo e do solipsismo.

Em linhas gerais, o espaço está para a dor, ao mesmo tempo em que o tempo possibilita converter a dor em sofrimento, fazendo uma fenda na dor e a abrindo para uma alteridade. Dadas essas diferenças conceituais, por que esses elementos são essenciais para pensar uma clínica psicanalítica hoje?

O grande problema é que a Psicanálise pressupõe o modelo alteritário de subjetividade (Birman, 2013/2022). Tendo isso em vista, é nítido como as transformações sociais e políticas alteram também as formas de processamento psíquico daquilo que nos atravessa enquanto seres humanos. O sonhar, na época da produção científica de Freud, era experiência crucial para o processo de subjetivação (tornar-se sujeito), e na contemporaneidade está se apagando cada vez mais. Temos hoje uma modalidade de subjetividade nos consultórios que sonha pouco, e conseqüentemente, perde a possibilidade de sustentação do desejo, da imaginação de novos mundos possíveis e de transformação da realidade. Com a derrocada do tempo, não há simbolização, tampouco antecipação de afetações. Num mundo acelerado e imprevisível como temos hoje, o que se evidencia é a marca do traumático, excessivo, intransponível. É um mundo marcado pela imprevisibilidade e instabilidade dos códigos. Se falamos de excesso, é se tratando de algo que irrompe, que transborda, que surge como um corpo estranho e desconhecido, uma experiência de borda incontrolável (Birman, 2013/2022). Os excessos afetam as fronteiras, visto que eles não pedem permissão nem licença - estas duas coisas

poderiam ser *previstas*, mas o sujeito perdeu sua capacidade de antecipação na medida em que a capacidade de temporalização se empobreceu. De acordo com Kallas (2016), “os sintomas ditos contemporâneos estariam relacionados a esse empobrecimento da capacidade de simbolização e de associação por parte do sujeito, remetido ao tempo presentificado da compulsão e à narrativa literal do esvaziamento subjetivo” (p. 60). O psiquismo perdeu parte da sua capacidade de se regular, sendo as individualidades assujeitadas às imposições do excesso. Quando a subjetividade fica diante de algo que a ultrapassa, que a atropela, assistimos à tragicidade da paralisia psíquica.

Poderíamos dizer que esse excesso pode ser transmutado em compulsão à repetição, mas Joel Birman é crítico ao dizer que esta não é a mesma da época de Freud. O trabalho psíquico da compulsão à repetição não pode operar com tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo como na atualidade, no transbordamento de informações, limitando as possibilidades de simbolização do psiquismo. Quando pensamos o sujeito ensimesmado olhando para as telas do celular, completamente desarticulado do seu mundo externo, incapaz de se direcionar ao outro, entendemos como é emblemática essa experiência solipsista de repetição, devido ao acúmulo de informações do mundo externo.

“Pode-se dizer que as individualidades seriam marcadas pelo excesso, que as impele inequivocamente para a ação. Isso porque esta seria a melhor forma para se ver livre daquele e poder então eliminá-lo. Caso não façam isso, as individualidades seriam possuídas pelo excesso, que as inundaria pela angústia” (Birman, 2013/2022, p. 82)

Na modernidade, havia minimamente pausas e reflexões. O ser humano pensava sobre o que lhe acontecia, de forma íntima e reflexiva. Havia um ócio produtivo, por assim dizer. Hoje, o que vemos é a aceleração do sujeito que é exteriorizado e performático, muitas vezes sem saber exatamente para que age e por que faz o que faz. Essa tal “hiperatividade” é marcada por uma ausência de propósito - age-se sem saber por que se age, com uma “marca de

indeterminação”³ (Birman, 2013/2022). Essa particularidade da subjetividade contemporânea está ligada à temática central deste trabalho, que é o uso compulsivo e pouco pensado diante da retroalimentação de conteúdos nas redes sociais.

2.3 Qual o Outro que trabalhamos?

Partimos do princípio, neste trabalho, de que “a contemporaneidade produz modos de subjetivação que cada vez mais se distanciam dos pacientes analisados por Freud durante a era vitoriana” (Rocha, Paravidini & Silva Júnior, 2014, p. 804), como dito anteriormente. É patente nos trabalhos psicanalíticos que estudam a contemporaneidade que as modalidades de sofrimento e mal-estar se transformaram. Os antigos referenciais que sustentavam o sujeito na sua subjetividade estão em derrocada (Lustoza, Cardoso & Calazans, 2014), de tal forma que uma sociedade disciplinar repressiva e repleta de interdições como a de Freud não é mais tão representativa assim, embora tenha sido fundamental para as construções acerca da formação de sintomas modernos.

Na modernidade, a teoria psicanalítica descrevia uma determinada forma de constituição do sujeito, em que deveria haver uma subordinação a um Terceiro, um Um, ou Outro, que media as trocas entre os sujeitos. Mesmo que ele sirva para reger as relações, esse Outro é furado, e é somente a partir da sua incompletude que podemos questionar, resistir; se ele fosse pleno, tudo deslizaria e não haveria espaço para questões (Dufour, 2005). O Outro é uma instância que funda uma anterioridade no sujeito, e é através dele que uma ordem temporal se torna viável e possível; sem esse caminho trilhado pelo Outro, não me encontro, não tenho acesso à função simbólica, não chego a construir uma espacialidade e uma temporalidade

³ Ainda que esse aspecto seja relevante na obra de Joel Birman, neste trabalho ele não será aprofundado, devido a limitações características da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso.

possíveis (Birman, 2013/2022). Estamos, no entanto, numa etapa da história humana em que há uma “falta do Outro”, sendo uma modalidade inédita de subjetivação. Sendo esse Terceiro aquele que nos funda, como garantia metassocial, sem ele o ser-si está em dificuldade, e isso é patente nas formas de padecimento da atualidade.

Dufour (2005) foi um autor importante nesta pesquisa para pensar a queda das grandes narrativas que davam um terreno seguro e relativamente consistente para que o sujeito pudesse enganchar uma demanda ao Outro, sendo fundadoras de referência. O autor explora como narrativas das religiões monoteístas, dos Estados-nações, da emancipação do povo trabalhador, da defesa da Natureza, da democracia pós-moderna, das comunidades, das crenças neopagãs e de flutuação de valores, dentre outras, são narrativas que se esvaeceram na contemporaneidade, não servindo mais aos ideais sociais que são pregados hoje, no capitalismo, como modelos de sujeito. Todas essas narrativas, no entanto, traziam uma possibilidade de compreensão da fundação do sujeito - traziam Deus como Criador do universo, por exemplo. Será que hoje há espaço para questionar a origem de si? Se sim, de que maneira?

O autor compreende que um dos candidatos para se constituir, na contemporaneidade, como um Outro é o Mercado⁴. Enquanto narrativa constituinte do sujeito, o Mercado, em maiúsculo, em toda a sua lógica neoliberal, é o principal referencial de estruturação subjetiva. “E, de fato, o Mercado é poderoso. Mais poderoso que os outros grandes Sujeitos que devem, pois, cada um por sua vez, se curvar diante dele” (Dufour, 2005, p. 80), visto que ele penetra com seus tentáculos nas outras narrativas religiosas, da natureza e até mesmo de luta de classes. O Mercado, como última e verdadeira racionalidade como é trazido hoje, ganha evidência na medida em que organiza os modos de sobrevivência, inclusive nos meios digitais. O Mercado é cheio de respostas, mas muitas vezes contraditórias entre si, que colocam o sujeito em uma

⁴ Ainda que Dufour (2005) traga o Mercado como um grande Outro que tenha primazia na constituição subjetiva contemporânea, é importante a ressalva (feita pelo próprio autor em seu livro) de que os outros Outros da Modernidade não deixaram de existir e operar nas subjetividades.

posição complicada. Isso porque esse Mercado possui uma lacuna que os outros Outros não possuíam: ele não oferece uma origem fundante do sujeito; no Mercado, o sujeito precisa pensar sobre sua autofundação, implicando inclusive num movimento narcisista e autocentrado. Há apenas uma relação dual, o aspecto Ternário da constituição subjetiva não se firma como na modernidade. Não se apela a uma lei, a não ser a lei do Mercado - consuma a qualquer custo. As “vãs” questões dos filósofos - “quem eu sou? para onde vou? o que devo fazer?” -, mesmo que aparentemente inúteis e sem resposta concreta afinal, eram constitutivas da subjetividade na modernidade; hoje, no entanto, essas perguntas não são mais feitas. Como dito anteriormente, o “ócio criativo” não se concretiza na experiência de olhar para dentro de si mesmo. O sujeito não engancha uma questão ao Outro do Mercado.

“É assim que se vê o fracasso do ‘Mercado’ em se constituir como novo grande Sujeito nas novas formas tomadas pelos distúrbios mentais em nossas sociedades. Como o Mercado ignora o Terceiro e pode propor apenas relações duais, isto é, interações, ele não permite ao sujeito se fixar no que o ultrapassa. Ora, um sujeito privado das questões impossíveis da origem e do fim é um sujeito amputado da abertura para o ser, ou seja, um sujeito impedido de ser plenamente sujeito” (Dufour, 2005, p. 87)

É com essa perspectiva de contemporaneidade, regida por um outro tipo de Outro, que trabalharemos para analisar o fenômeno das redes sociais. O algoritmo de aprendizado de máquina aplicado aos *feeds* infinitos de informações e conteúdos são emblemáticos para pensar como a ideologia neoliberal afeta a subjetividade humana atualmente. Lembrando que o Outro precisa ser furado e faltoso para que o sujeito se constitua como tal, a minha inquietação nessa pesquisa vem do questionamento acerca da possibilidade de perguntar o que o Outro quer de mim, que é o que veremos no próximo capítulo.

3. POSSIBILIDADES DE LEITURA

Eis a cena: um jovem, nos seus 20 e poucos anos, na penumbra de seu quarto, às 2h47 da madrugada, olhando fixamente o celular, deslizando a tela com seus polegares, deitado em sua cama desde às 22h30. Ele sabe que precisa acordar às 7h00 do dia seguinte, mas não consegue sair desse fluxo de informações, alternadas entre *TikTok*, *Instagram* e *Twitter*; assim que sente que algum “esgota”, parte para o próximo *feed* – esta palavra que significa também “alimentar”, no verbo “*to feed*”, em inglês. As redes sociais são repletas de uma suposta saciedade, recheadas pelo fastio e, paradoxalmente, pela exaustão.

O que essa vinheta, curta e talvez autoficcional, nos conta? Assistimos aqui à contínua oferta na forma de um Outro mercadológico, cujos efeitos psíquicos serão investigados neste capítulo. Essa contínua oferta tem como consequência a ausência de uma ausência - não há períodos de reflexão, de pausa, estamos com o celular até na hora de usar o banheiro. Não existe qualquer latência desejante, efeito da não coincidência entre o buscado e o que é encontrado.

Como dito anteriormente, a contemporaneidade traz em seu bojo um mundo em que não são mais a moralidade e as leis da modernidade que ditam o que devemos ser ou como nos comportar. Se na modernidade a sociedade era composta por noções de lei, autoridade e costumes, em que haveria uma forma de constituir um desejo que respondesse a esse contexto no qual o gozo residia na transgressão, na contemporaneidade o que resta é somente a função de exigência (Rocha, Paravidini, & Silva Júnior, 2014), por si só. Mas qual seria esta?

“A exigência que se instala pela monção superegóica é de fazer da própria vida um constante campo de gozo. Gozo não mais correspondente às leis de uma sociedade patriarcalista repressora, mas que tem como primazia a ausência de identidades fixas e abertura permissiva a tudo aquilo do que se possa extrair constante gozo” (Rocha, Paravidini & Silva Júnior, 2014, p. 812).

Se tudo é permitido, essa pretensa liberdade se mostra nas diversas imagens das redes sociais que nos contam, ilusoriamente, que tudo é possível. Inclusive, é justamente aí que reside um dos questionamentos deste trabalho: não temos *bordas* como outrora na época de Freud, e isso não sai impune na nossa constituição subjetiva, ainda mais quando vivemos no *transbordamento* de dados das mídias digitais.

Nas redes sociais, somos soterrados de demandas, à exemplo: tenha um corpo saudável, mas um corpo saudável não necessariamente é o corpo magro, ao mesmo tempo que é importante cortar os carboidratos, no entanto, cortar o pão é um mito da Nutrição, é necessário, na verdade, aumentar a quantidade de proteína, exceto que o excesso de proteína faz mal para os rins e fígado, então faça exames periodicamente, mas saiba que fazer exames em demasia pode te deixar com ansiedade, neste caso, faça atividades de cardio para seu bem-estar mental, mas dizem que cardio engorda, então faça apenas musculação, se bem que musculação sem orientação pode causar lesões... e por aí vai, nesse ciclo infinito de contradições inesgotáveis. A pergunta que isso gera é: “O que o Outro quer de mim, quando há tantas demandas incoerentes entre si?”.

De acordo com Rosane Zétola Lustoza, a angústia seria uma resposta possível do sujeito quando este se depara com um Outro inconsistente, ou seja, um Outro que carrega em si demandas incoerentes e contraditórias. Para que seja possível evitar a angústia, não é plausível o sujeito saber o que o Outro quer propriamente, mas o sujeito precisa supor que o Outro sabe o que quer (Lustoza, 2006). É justamente essa suposição que faz, retroativamente, o sujeito também supor que sabe o que quer: o desejo do desejo do Outro. Cada sujeito anseia, paradoxalmente, não saciar esse desejo (algo que seria, diga-se de passagem, impossível), e sim continuar a “cavar” a falta nesse Outro (Quinet, 2012). O desejo está na condição não saturável pela demanda. Eu desejo na medida em que o Outro também deseja, e o que eu quero é justamente manter esse Outro desejante:

“Paradoxalmente, é por existir uma falta inscrita no Outro do simbólico, no Outro do amor, que é possível a emergência do desejo, que é sempre correlativo à falta, à castração. O desejo do sujeito é datado, vinculado, articulado ao desejo do Outro: a interrogação sobre o desejo é sempre relativa ao desejo do Outro. A questão ‘o que o Outro quer de mim?’ é como se articula o desejo inconsciente, pois é como Outro que o sujeito deseja inconscientemente” (Quinet, 2012, p. 15)

Mas é precisamente esse quadro de atribuição de unidade, estabilidade e consistência ao Outro que entra em pane durante a angústia (Lustoza, 2006). Quando as intenções do Outro se mostram incoerentes e incompatíveis, o que vemos é um sujeito incapaz de sentir-se apto a responder. Quando falamos das redes sociais e algoritmos de aprendizado de máquina, é precisamente esse quadro que se presentifica ao pensarmos as consequências subjetivas da alienação do sujeito: se não há espaço para faltar, e se o Outro se mostra sempre em demandas contínuas e contraditórias, então os usuários se vêem numa condição de estar constantemente respondendo a essas demandas confusas. Responder continuamente a demandas num fluxo contínuo de “seja de tal forma”, “faça determinada coisa”, “viva de certo modo”, convoca o sujeito a continuar deslizando a tela, numa tentativa de amor, e não de desejo. Para retratar essa distinção, trago Marco Antônio Coutinho Jorge:

“Nesse sentido, amor e desejo se opõem de modo bastante radical: o amor é uma tentativa de resposta exitosa do sujeito à falha inerente ao desejo, pois o amor não admite essa falha, ele quer preenchê-la a todo custo” (Jorge, 2008, p. 146)

O sujeito não parece capaz de buscar um desejo para chamar de seu; ele não consegue sair desse limbo dos aplicativos de celular e computador, porque, se os algoritmos de aprendizagem de máquina estão constantemente dizendo o que ele já quer de antemão, então não há porque nem como ele se desenredar dessa rede. Mesmo impossível, ele quer preencher essas demandas contínuas. Ao mesmo tempo em que parece ser um estado de aparente

satisfação (afinal, tenho tudo o que eu sempre quis sendo oferecido para mim de forma personalizada e original!), esse estado de alienação para com o Outro mercadológico produz demandas insustentáveis, de forma que não se cava mais uma falta nesse Outro, e quando se cava, há apenas perplexidade, hesitação e fuga.

Poderíamos pensar que a angústia seria o conceito psicanalítico fundamental para a compreensão desse fenômeno de entorpecimento do usuário de redes sociais, que se vê compulsivamente utilizando os *gadgets* para tentar suprir essa demanda contínua do Outro. Mas, como dito no capítulo anterior, na contemporaneidade não há muito a possibilidade de antecipação, devido à derrocada da temporalidade. Sendo assim, a própria concepção de angústia-sinal (Freud, 1926/2014) se torna inviável, pois não há como o sujeito ter a capacidade de temporalizar a experiência - inclusive para estar angustiado.

Temos, então, que a angústia como sinal é um mecanismo quase que desativado no psiquismo, devido às condições do sujeito na contemporaneidade, mas ao mesmo tempo o excesso nos inunda; a tela seria uma tentativa de fazer uma barreira ansiogênica. O que seria então esse movimento de compulsão nas redes, senão para evitação da angústia?

Esse movimento seria, paradoxalmente, o de inibição e paralisia. Lembremos que “a inibição não envolve a execução de um ato, mas sua ausência” (Lustoza, Cardoso & Calazans, 2014, p. 209). É justamente o ato de se tornar passivo e inibido em relação àquilo que é oferecido, refém de supostos anseios e vontades pessoais e personalizadas (que na verdade são orientadas por uma máquina), que o sujeito consegue dar conta desses imperativos. Vale lembrar que, como dito anteriormente, “é na prevalência dos registros do corpo, da ação e da intensidade que o mal-estar se faz patente na atualidade” (Birman, 2013/2022, p. 67). A ação se torna um dos registros principais para esse sujeito que se vê marcado pelos excessos e inundações das redes, de tal forma que é uma ação inibida que permite ao sujeito manter-se

consumindo conteúdos, e não necessariamente indo atrás da concretização deles⁵ (afinal, é sempre mais confortável ver vídeos de receitas “saudáveis” do que propriamente ir cozinhá-las, por exemplo). É dessa maneira que o sujeito encontra na paralisia uma forma de suposto contentamento quando se depara com as diversas demandas impostas pelo Outro, contraditórias e incoerentes entre si. O que resta é somente a compulsão:

“A compulsão é uma modalidade de agir caracterizada pela repetição, já que o alvo da ação não é jamais alcançado. Daí a sua repetição incansável, sem variações e modulações, que assume o caráter de imperativo, isto é, impõe-se ao psiquismo sem que o eu possa deliberar sobre o impulso que inevitavelmente se impõe.” (Birman, 2013/2022, p. 84)

Resta pensar o que se passa nesse aparente gozo, em que o usuário passa horas consumindo um conteúdo produzido de forma especial para ele. Não se questiona essa máquina que apenas fez alguns cálculos matemáticos através dos dados para decidir o que o sujeito gosta ou não, ao invés de construir isso pela interatividade das trocas sociais.

O que vemos aqui é a exigência de fazer um constante “campo de gozo” (Rocha, Paravidini & Silva Júnior, 2014, p. 812). Dada a ausência de identidades fixas - característica marcante da contemporaneidade - que permitiriam o sujeito se situar no campo social, o que vemos é o sujeito compelido não a cumprir um determinado *script* de personagem social, mas sim ser capaz de cumprir todos os personagens que existem, por sua própria conta. O sujeito contemporâneo está numa encruzilhada na qual a sua ampla liberdade, defendida e conquistada a duras penas ao longo da Modernidade, agora serve como carrasco que exige que ele cumpra tudo aquilo que o *TikTok* e o *Instagram* pedem. O sujeito precisa se autoficcionalizar, produzir o que os mitos produziam na Modernidade, mas ele não sabe nem por onde começar, dada a

⁵ Slavoj Žižek trabalha com o conceito de “interpassividade”, considerando que existe uma pseudoatividade, na qual há uma ânsia de ser ativo e participar, concomitante a uma recusa a fazer algo realmente significativo: “sou passivo através do Outro. Concedo ao Outro o aspecto passivo (gozar) de minha experiência” (2006/2010, p. 36).

quantidade de informações. A liberdade e a ausência de identidades fixas, que outrora eram vistas com tanta potência e otimismo, tornaram o sujeito agora aberto num campo de puro gozo, de tal forma que é justamente assim que ele não se lança ao campo do social - ele está gozando sozinho. Basta ir à praça de alimentação de um shopping center - o sujeito digital não se relaciona mais com ninguém, cada um olhando para seus próprios *feeds*; não se comporta a experiência de alteridade, tão fundamental na constituição subjetiva.

Se, para que houvesse a emergência de um desejo do sujeito era necessário que no Outro houvesse uma falta, no capitalismo nos são oferecidos objetos em profusão que prometem a satisfação última, de forma aparentemente completa. Todavia, no neoliberalismo, essa satisfação precisa ser prescritível: a famosa obsolescência programada, um tempo de validade para o uso de um objeto até que ele seja descartado. Nesse sentido, o sujeito sempre será insuficiente. Esse Outro quer tudo de você, em todas as contradições possíveis.

Em termos psicanalíticos, o que observamos é a coincidência e a tomada da demanda pelo desejo. Os sujeitos que estão afundados nas redes não precisam ansiar: a saciação da demanda vem primeiro, antes mesmo de ela ser enunciada. “Eu sei que eu quero tal coisa porque eu vi no *TikTok*! Quero visitar tal lugar porque o *Instagram* me mostrou!”. Essa falta de uma latência, de um tempo para a construção de um desejo singular, foi para o espaço (Birman, 2013/2022), impedindo que o sujeito possa formular a invenção de si mesmo que contenha em si aquela parcela do Real que escapa às imagens e às palavras.

Há que se registrar que o rapaz que está na vinheta inicial deste capítulo não está nem um pouco satisfeito com estar consumindo sem parar os conteúdos das redes sociais - ele está, na verdade, profundamente entediado, em situação de completa apatia. Como não há espaço para a falta, vemos os efeitos do excesso de oferecimento, que produzem um *frisson* efêmero, que logo se converte em tédio, na busca deslizando (das telas) de mais e mais conteúdo.

Essa exigência de gozo do Outro se manifesta como “constante, não dialetizável, insensível ao ‘sim’ ou ‘não’ do outro e exprimindo-se de modo intransigente” (Lustoza, 2006, p. 64). Ora, é exatamente isso que ocorre no fenômeno das redes sociais, em que o sujeito é confrontado com diversas exigências de como ser, pensar, agir e viver, muitas vezes contraditórias entre si, deixando o sujeito à deriva, em plena angústia. O usuário não consegue conceber outra saída senão continuar consumindo. Vemos como essa compulsão das redes se manifesta como empuxo ao gozo, que é desmedido e sem um questionamento possível (Birman, 2013/2022).

Caberia dizer sobre como essas ações representam um profundo vazio existencial para o sujeito, visto que essa insaciabilidade associada à ausência de latência desejante tornam o sujeito mortificado. De acordo com Rocha, Paravidini e Silva Júnior, “o sujeito age incessantemente, mas não compõe história” (2014, p. 809), principalmente pelo fato de que, como dito anteriormente, é pela evocação de um outro que eu posso me constituir como sujeito, mas essa história requer narrativização, temporalidade e alteridade - elementos que estão ausentes na contemporaneidade, e de forma exemplar no fenômeno de compulsão nas redes sociais.

No entanto, uma última ressalva é importante para quebrar com esse pessimismo todo descrito ao longo deste capítulo. Por mais que o Mercado tente nos impor as mais diversas exigências, em diversas fantasias de supostos desejos, aquilo no qual eu posso vir a me articular no campo desejante será constituído a partir das articulações que se produziram na nossa entrada da linguagem. Essa entrada carrega marcas, sempre no singular, e nunca massificadas como os algoritmos de rede tendem a nos fazer acreditar. São essas marcas que nos dão uma abertura às coisas que motivam, que movem e que importam a cada sujeito, singularmente.

O Mercado pode até dizer que você pode ser qualquer coisa, que você precisa ser (e dar conta!) de tal modo de existência, ou mesmo fazer mil e um malabarismos para responder a

uma demanda de amor; o Mercado pode até dizer que você vai ser alucinado por tudo aquilo que aparecer na sua tela, que se desenhe pelo algoritmo, mas lembremos, novamente: isso é apenas uma demanda. A demanda também é entendida como esse estado de alienação do desejo. Caímos nisso devido a nossa posição alienante, mas nós não nos reduzimos a isso. Podemos, sim, ser qualquer coisa; mas de certo modo. Um modo que nos é particular, que é nosso e é autoral, que traz as marcas do que somos.

Em resumo, existe algo que resiste à colonização proposta desse mercado; é essa nossa aposta dentro da Psicanálise. Um processo de análise visa desalienar o desejo da demanda, fazer esse desmembramento para que o sujeito possa brotar como desejante, e esse processo de desalienação requer um trabalho de interpretação e de escuta muito refinados. Não se trata aqui de fazer uma apologia do processo psicanalítico como um grande e único salvador da sociedade; trata-se apenas de indicar que existem processos de desalienação que são capazes de produzir uma subjetividade mais autoral e alinhada ao desejo. As diversas coisas do mundo não nos são garantias de felicidade, satisfação e realização de desejo, por mais que o Mercado forje essa ideia através das inundações de dados e conteúdos, inclusive digitais. É precisamente aqui que reside a potência do trabalho psicanalítico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Sigmund Freud trouxe contribuições inúmeras para pensar a subjetividade de seu tempo, em todas as suas especificidades. A história da Psicanálise é perpassada por inúmeras transformações, de tal forma que a rigidez e ostracismo não cabem no espírito jovial característico da obra. Nesse sentido, é sempre importante continuar revisando e atualizando as produções psicanalíticas de forma a considerar as mudanças políticas, econômicas e sociais que atravessam a contemporaneidade, entendendo que as modalidades de mal-estar e padecimento psíquico se transformam junto o *Zeitgeist*.

A ascensão das mídias digitais como parte significativa do nosso cotidiano não é algo que pode passar batido ou desconsiderado na leitura clínica dos fenômenos contemporâneos. Apesar da pandemia não ter sido um recorte trabalhado neste ensaio, os efeitos do uso contínuo de redes sociais, ora como *hobbie*, ora como ferramenta de trabalho, teve efeitos significativos na nossa constituição subjetiva. A contínua oferta mercadológica característica do neoliberalismo compromete um uso saudável e salutar do uso de *gadgets* e *apps* de redes sociais, alterando a nossa constituição subjetiva e produzindo um curto-circuito na construção de um sujeito desejante. Mesmo que em Isaac Asimov (1951/1976) se configurasse como uma ficção científica, o controle de dados humanos tem tomado proporções delicadas. Os algoritmos de aprendizagem de máquina, ao prometerem uma facilidade de acesso a conteúdos em redes sociais através da personalização e análise de dados individuais, acabam por soterrar o sujeito numa suposta satisfação contínua, em que não há abertura para a falta, para o novo e para a indagação de si.

A angústia e a inibição, junto com a compulsão, tornam-se emblemáticas da leitura psicanalítica do mal-estar, em detrimento da produção sintomática característica da época de Sigmund Freud. Além disso, a confusão entre demanda e desejo, diante da exigência de gozo, produz uma marca indelével na capacidade do sujeito de se articular no laço social.

No entanto, apesar das particularidades do Outro como Mercado, é importante lembrar que os algoritmos de aprendizagem de máquina não destruirão fatalmente a capacidade do sujeito de desejar. Sempre restará algo que é incapaz de ser mapeado, calculado e previsto por uma máquina - é precisamente nesse lugar que o trabalho psicanalítico entrará. O melhor remédio para a angústia é o desejo, e é através da atuação do psicanalista que o analisando poderá transmutar a demanda em desejo, produzindo uma vida mais genuína e singular.

5. REFERÊNCIAS

- Almeida, E., Silva, F., Souto, G., Cândido, J., Laranjeira, J. R., Madriles, L., Duarte, M., Mayrink, O., Peres, P., & Moraes, T. (2021). *Noções gerais de inteligência artificial*. LAPIN.
- Asimov, I. (1975). *Fundação*. Maxim Behar. Trabalho original publicado em 1951.
- Birman, J. (2007). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (6a ed.). Civilização Brasileira. Trabalho originalmente publicado em 1999.
- Birman, J. (2022). *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade* (5ª edição). Civilização Brasileira. Trabalho originalmente publicado em 2013.
- Brunhari, M. V., & Darriba, V. A. (2014). O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. *Psicologia Clínica*, 26(1), 197-213. Recuperado em 03 de maio de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000100013&lng=pt&tlng=pt.
- Capanema, C. A., & Vorcaro, A. (2012). Modalidades do ato na particularidade da adolescência. *Ágora (Rio de Janeiro)*, 15(1), 151-163. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982012000100010>
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. CFP.
- Cunha, M., & Birman, J. (2019). Considerações sobre a transferência na atualidade a partir de Michael Balint e Piera Aulagnier. *Psicologia Clínica*, 31(2), 259-279. <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438V0031N02A03>
- Demaria, C. O. (2020). *Da passagem ao ato à entrada em cena na Internet: o caso Yoñlu e o compartilhamento do suicídio pelos adolescentes nas redes sociais* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Faculdade de filosofia e ciências humanas, UFMG, Belo Horizonte, MG. Recuperado de <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45425>

- Dufour, Dany-Robert (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Companhia de Freud.
- Freud, S. (1922). Dois verbetes de enciclopédia. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII (pp.253-274). Imago Editora.
- Freud, S. (1976). A interpretação dos sonhos. In Freud, S., *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. IV, V. Imago Editora (Original publicado em 1900).
- Freud, S. (2014). Inibições, sintomas e ansiedade. In Freud, S. [Autor], *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 17. Companhia das Letras. (Original publicado em 1926)
- Freud, S. (2020). As pulsões e seus destinos. Autêntica. (Trabalho publicado pela primeira vez em 1915)
- Freud, S. (2020). Caminhos da terapia psicanalítica. In *Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da Clínica Psicanalítica* (Vol. 6, pp. 157-192). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919).
- Jorge, M. A. C. (2008). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v. I (5ª Ed.). Jorge Zahar.
- Jucá, V. J. dos S., & Vorcaro, Ângela M. R. (2020). Atos na Adolescência: Uma Resposta diante da Angústia e do Desamparo. *Revista Subjetividades*, 20(1), Publicado online: 12/03/2020. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i1.e9359>
- Kallas, M. B. L. M. (2016). O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, 38(71), 55-63. Recuperado em 03 de maio de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&tlng=pt.
- Kegler, P., & Macedo, M. M. K. (2016). Narrativas do excesso: a potencialidade da palavra em psicanálise. *Tempo psicanalítico*, 48(1), 171-190. Recuperado em 03 de maio de 2023, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382016000100011&lng=pt&tlng=pt.

Ludermir, T. B.. (2021). Inteligência Artificial e Aprendizado de Máquina: estado atual e tendências. *Estudos Avançados*, 35(101), 85–94. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.007>

Lustoza, R. Z. (2006). A angústia como sinal do desejo do Outro. *Revista Mal-Estar e Subjetividade (Fortaleza)*, 6(1), 44-66. Recuperado em 15 de maio de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100004&lng=pt&tlng=pt.

Lustoza, R. Z., Cardoso, M. J. E., & Calazans, R. (2014). "Novos sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora (Rio de Janeiro)*, 17(2), 201-213. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200003>

Macedo, Mônica Medeiros Kother. (2019). Decifro-me ou me devoro: dor psíquica e autodestrutividade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 53(4), 209-223. Recuperado em 03 de maio de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000400014&lng=pt&tlng=pt.

Moraes, E. G., & Macedo, M. M. K. (2011). *Vivência de indiferença: trauma ao ato-dor*. Casa do Psicólogo.

Nobre, M. R. (2020). *Derivas do saber na cultura digital: o sujeito do inconsciente entre algoritmos e matemas*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Faculdade de filosofia e ciências humanas, UFMG, Belo Horizonte, MG. Inédito.

Pacheco, C., & Fuks, B. B. (2020). O Pai: Um estudo sobre a barbárie contemporânea / The Father: a study about contemporary barbarism. *Revista De Psicologia*, 11(2), 19-33. <https://doi.org/10.36517/10.36517/revpsiufc.11.2.2020.2>

- Paim, F. F., & Ibertis, C. M. (2006). A hipnose e o método catártico como primeiros caminhos à descoberta da associação livre. *Disc. Scientia. Série: Ciências da Saúde*, 7(1), 139-152. Recuperado de: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/911>
- Prata, M. R. S (2012). Os processos subjetivos e os jogos de verdade da psicanálise frente à transformação do lugar do pai. *Ágora (Rio de Janeiro)*, 15(2), 217-232. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982012000200001>
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Jorge Zahar.
- Rocha, T. H. R., Paravidini, J. L. L., & Silva Júnior, N. da .. (2014). Subjetividade, alteridade e desamparo nos tempos atuais. *Fractal: Revista De Psicologia*, 26(3), 803–816. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/917>
- Roussillon, R, & Berliner, C. (2014). O trauma narcísico-identitário e sua transferência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(3), 187-205. Recuperado em 30 de julho de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000300016&lng=pt&tlng=pt.
- Triska, V. H. C. (2020). Pai: um obstáculo epistemológico? *Psicologia USP*, 31(e180206), 1-10. Recuperado em 30 de julho de 2022, de <https://www.scielo.br/j/pusp/a/Qtg56YvXCJZzNCqFJ7yzc5w/?format=pdf&lang=pt>
- Zizek, S. (2010). *Como ler Lacan*. Zahar. Trabalho publicado originalmente em 2006.